

Natália Oliveira Nascimento  
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

## OXUMARÉ E XANGÔ: A INFLUÊNCIA RELIGIOSA NA SUBSTITUIÇÃO DOS TOPÔNIMOS DAS RUAS DO BAIRRO JARDIM SUCUPIRA EM FEIRA DE SANTANA-BA

### RESUMO

Neste trabalho temos como objetivo demonstrar como a religião influencia na nomeação das ruas do bairro Jardim Sucupira, em Feira de Santana-Ba. Tais topônimos sofrem um processo de substituição hipoteticamente motivada pela opressão às religiões de matrizes africanas, visto que os nomes das ruas em questão são de origem *iorubá* e fazem parte do léxico utilizado no candomblé. Nesse contexto abordaremos o negro na sociedade feirense, assim como toda forma de exclusão dos elementos afro-brasileiros desse povo tão plural de Feira, porém conscientemente excludente. Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos os topônimos africanos rua Oxumaré e rua Xangô substituídos respectivamente pelos nomes rua Rosa de Sarom e rua São Lucas, os primeiros representam dois nomes relacionados à religião africana e os últimos à religião judaico-cristão, apresentados por meio da ficha lexicográfico-toponímica adotada e adaptada do modelo de Dick (1990), no intuito de demonstrar a oposição de religiões latente na substituição toponímica. Logo, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da toponímia postulados por Dick (1990) para abordar as questões das transformações e substituições toponímicas, assim como recorremos a teóricos como Castro (2005) e Macedo (2006) para tratar das religiões africanas e cristãs na Bahia e em Feira de Santana, especificamente, assim como tratar da sociedade afro feirense. Consideramos que as influências religiosas de interferem fundamentalmente na língua de um povo e se configuram como indispensáveis para as substituições toponímicas do referido bairro.

**Palavras-Chave:** Topônimos afro-brasileiros. Influência religiosa. Feira de Santana-BA.

## OXUMARÉ AND XANGÔ: THE RELIGIOUS INFLUENCE IN THE SUBSTITUTION OF THE TOPONYMS OF THE STREETS OF THE JARDIM SUCUPIRA NEIGHBORHOOD IN FEIRA DE SANTANA-BA

### SUMMARY

In this work we aim to demonstrate how religion influences the appointment of the streets of Jardim Sucupira neighborhood, in Feira de Santana-Ba. Such toponyms undergo a process of substitution hypothetically motivated by oppression to the religions of African matrices, since the names of the streets in question are of Yoruba origin and are part of the vocabulary used in candomblé. In this context we will approach the black in the society of Feirense, as well as any form of exclusion the Afro-Brazilian elements of this people so plural of Fair, but consciously excluding for the development of this research we use toponyms African Oxumaré Street and Xangô Street replaced respectively by street names Rosa de Sarom and Rua São Lucas, the former represent two related names to the African religion and the latter to the Judeo-Christian religion, presented through the lexicographic-toponymic record adopted and adapted from Dick's (1990) model, in the aim of demonstrating the opposition of religions latent in toponymic substitution. Therefore, we use the theoretical and methodological assumptions of postponed toponymy by Dick (1990) to address the issues of transformations and substitutions toponymics, as well as theorists such as Castro (2005) and Macedo (2006) to deal with African and Christian religions in Bahia and Feira de Santana, specifically, as well as dealing with Afro-Brazilian society. We consider that religious influences fundamentally interfere with the language of a people and are indispensable for the toponymic substitutions of said neighborhood.

**Keywords:** Afro-Brazilian toponyms. Religious influence. Feira de Santana-BA.

## OXUMARÉ Y XANGÔ: LA INFLUENCIA RELIGIOSA EN LA SUSTITUCIÓN DE LOS TOPÓNIMOS DE LAS CALLES DEL BARRIO JARDIM SUCUPIRA EN FEIRA DE SANTANA- BA

### RESUMEN

En este trabajo tenemos como objetivo demostrar como la religión influye en el nombramiento de las calles del bairro Jardim Sucupira, en Feira de Santana-Ba. Tales topónimos sufren un proceso de sustitución hipotéticamente motivada por la opresión a las religiones de matrices africanas, ya que los nombres de las calles en cuestión son de origen yorubá y forman parte del léxico utilizado en el candomblé. En esse contexto abordaremos el negro en la sociedade feirense, así como toda forma de exclusión de los elementos afro-brasileños de ese pueblo tan plural de Feira, pero conscientemente excluyente. Para el desarrollo de esta investigación utilizamos los topónimos africanos calle Oxumaré y calle Xangô, sustituidos respectivamente por los nombre calle Rosa de Sarom y calle São Lucas, los primeros representan dos nombres relacionados a la religión africana y los últimos a la religión judeo-cristiana, presentados por medio de la ficha lexicográfico-toponímica adoptada y adaptada del modelo de Dick (1990), con el fin de demostrar la oposición de religiones latente en la sustitución toponímica. Por lo tanto, utilizamos los presupuestos teóricos y metodológicos de la toponimia postulados por Dick (1990) para abordar las cuestiones de las transformaciones y sustituciones toponímicas, así como recurrimos a teóricos como Castro (2005) y Macedo (2006) para tratar de las religiones africanas y cristianas en Bahia y en Feira de Santana, específicamente, así como tratar de la sociedade afro feirense. Consideramos que las influencias religiosas reflejan fundamentalmente en la lengua de un Pueblo y se configuran como indispensables para las sustituciones toponímicas del referido barrio.

**PALABRAS-CLAVE:** topónimos afro-brasileños. Influencia religiosa. Feira de Santana-BA.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A versão histórica e a mais comum nos conta que o município hoje compreendido como Feira de Santana localiza-se no espaço doado, em 1612, a Antônio Guedes de Brito, dono de uma parte das terras do sertão baiano (identificada como a Casa da Ponte) que eram concedidas a sesmeiros e latifundiários como ele. Estas terras eram limitadas da seguinte forma: uma parte do sertão que ocupa até as nascentes do rio das Velhas, nela incluída a vertente interior da serra da Jacobina, a partir do Morro do Chapéu. Fazia parte das terras de Antônio Guedes de Brito a denominada “Sesmaria dos Tocós”. Parte dessas terras correspondiam aos “Campos das Itapororocas, Jacuípe e Água Fria”, vendida a João Lôbo de Mesquita, que posteriormente as vendeu a João Peixoto Viegas. Este logo construiu uma capela em louvor a São José, em Campos da Itapororoca, que se tornou Freguesia e posteriormente foi registrada como São José das Itapororocas.

A freguesia de São José das Itapororocas pertencia à comarca de Cachoeira e estava a três léguas da fazenda que ficou conhecida pelo lugar de origem de Feira de Santana, a então denominada Santana dos Olhos d'Água, que pertencia ao português Domingos Barbosa de Araújo e sua esposa Ana Brandão (nome que também é grafado como Ana Brandôa), desde o século XVIII. Naquele lugar construíram uma capela dedicada a Santana e a S. Domingos, a qual tornou-se um ponto de encontro para o povo do distrito, que ia ao local para fazer orações, visita e negócios. Naquele mesmo espaço se originou a feira periódica que se expandiu, originou um povoado e deu o nome a atual Feira de Santana.

Feira, como também é chamada, foi elevada a povoado em 1819. Em 13 de novembro de 1832, foi criado o município de Feira de Santana por Decreto Imperial, desmembrando-se assim do município de Cachoeira. Instalando-se como Vila em 18 de setembro de 1833. Já em 16 de junho de 1873 elevou-se de vila à categoria de cidade, com o nome de “Cidade Comercial de Feira de Santana”, reduzido para “Feira” por decretos de leis estaduais no ano de 1931, passando a ser denominada oficialmente pelo topônimo “Feira de Santana” em 30 de novembro de 1938 (FALCÃO, 2001, p. 260).

Um aspecto cultural a ser observado nessa população nascida de uma capela, mas voltada para o comércio e os bens materiais, é a tradição religiosa, que seguramente estava voltada para a crença cristã, em que o natal sempre foi “[...] celebrado com missa à meia noite e a apresentação de ‘Ternos de pastorinhas’”<sup>1</sup>, assim como se cultuavam os santos da igreja católica, como é e sempre foi de grande importância a festa de Senhora Santana, a padroeira da cidade, antes celebrada no dia 26 de janeiro, mas atualmente a celebração mudou para o dia 26 de julho. Atos como novena, festejos cada noite, quermesses, missa solene e grande procissão fazem parte da festa dessa santa católica e de relevante importância para a cidade feirense. Além dos festejos da páscoa, em que “[...] são celebrados, solenemente os atos da Semana Santa.”<sup>2</sup> Tais tradições são provenientes da cultura portuguesa, sendo dominante entre a população local. Mas, como já explicitado, a população também era constituída por africanos que foram trazidos para a localidade feirense com suas crenças e tradições formadas, portanto, cultuavam deuses distintos dos impostos pela cultura europeia.

A diversidade religiosa em Feira de Santana pode ser expressada em números de ontem e de hoje, ou seja, segundo o IBGE, em 1958, dos 107.205 habitantes, 105.543 declararam-se católicos romanos, 866 protestantes, 298 espíritas e 5 israelitas, 72 seguiam outras religiões, 149 não declararam a religião que professavam e 272 pessoas não tinham religião.<sup>3</sup> Os dados de 2010 fornecidos pelo IBGE, revelam uma realidade parecida com a de aproximadamente 60 anos atrás, pois dos 594.658 habitantes do município, 272.945 são católicos romanos, 230.234 são evangélicos, 8.095 são neo-cristãos, 5.089 são espíritas, 19.844 pertencem a outras religiões, 57.038 não se declaram de nenhuma religião e 1.413 não declaram sua religião, dessa forma, estes números representam, respectivamente, 45,90%, 38,72%, 1,36%, 0,86%, 3,34%, 9,59% e 0,24% da população.<sup>4</sup> Sendo assim, podemos comprovar que as religiões voltadas para as tradições cristãs sempre tiveram maior número de fiéis, revelando que eram mais aceitas pela população, a qual, geralmente, ignorava e investia uma carga negativa sobre as tradições religiosas de outras culturas, como a africana, de modo a determinar o culto

do candomblé como uma prática criminosa, fato sobre o qual discorreremos ao longo deste trabalho na intenção de tecer considerações sobre as influências religiosas que refletem como forma de opressão à língua africana no município feirense e no português como um todo. Para isso apresentamos a substituição dos topônimos africanos rua Oxumaré e rua Xangô, as quais nomeavam logradouros do bairro feirense Jardim Sucupira, as quais passaram a denominar-se rua Rosa de Sarom e rua São Lucas, respectivamente.

## 2 A NEGRITUDE FEIRENSE

Assim como em toda Bahia, atualmente, Feira de Santana tem uma população de negros e afrodescendentes muito grande, segundo os dados do IBGE de 2010, 128.440 pessoas da população feirense se autodeclararam pretas e outras 310.851 se autodeclararam pardas<sup>5</sup>, sendo que a Bahia ocupa o segundo lugar entre os estados brasileiros com mais afrodescendentes autodeclarados, sendo exatamente 76,3% da população baiana negra ou parda<sup>6</sup>. Em 1872 esses números eram tão expressivos na cidade quanto hoje, pois, segundo Poppino (1968, p. 248), em seu quadro 3, intitulado “Grupos raciais em Feira de Santana”, os grupos de negros, caboclos e mulatos somavam 36.806, o que significava 72% da população feirense. Dessa forma, podemos definir que esses grupos formavam a população negra e afrodescendente daquele tempo.

Logo, comparando a quantidade da população branca, constituída por 28% do total, com a quantidade dos negros e afrodescendentes, notamos que estes já constituíam a maioria da população feirense em 1872, mas o número de escravizados na cidade deve ser considerado como algo à parte no município de Feira de Santana, pois “[...] em 1835, 30% da população se constituía de escravos e, em 1872, apenas 8%.” (POPPINO, 1968, p. 255), ou seja, o grupo da população formado por negros e afrodescendentes em Feira, em 1872, era constituído em sua maioria por ex-escravizados e filhos de escravizados. Segundo Poppino (1968), estes detinham uma liberdade condicionada por fatores como a lei do ventre livre, compra da liberdade, muitos escravizados conseguiam a liberdade por meio de tes-

tamento deixado por seus senhores e outros se valiam do fundo de emancipação do governo imperial, que lhes forneciam dinheiro para compra da própria carta de alforria. A escravidão desaparecia de forma rápida em Feira de Santana mesmo antes da abolição. Ressaltamos, inclusive, que “[...] a maioria dos habitantes de Feira de Santana, que aí chegara depois de 1872, era de origem africana. A maior parte dessa gente provinha das zonas pioneiras da escravatura do recôncavo.” (POPPINO, 1968, p. 252), uma verdade que contribui para o presente estudo, pois os ex-escravizados africanos, que permaneceram ou vieram para o município feirense, tentaram conservar a cultura trazida do seu continente de diversas formas, sendo a língua falada uma dessas.

A situação socioeconômica dos ex-escravizados da comunidade feirense pós abolição não lhes era favorável, pois muitos se encontravam na situação de roceiros, em que cultivavam nas terras dos latifundiários ou criadores de gado para garantir seu sustento e até mesmo moradia. Prática comum mesmo antes de entrar em vigor a Lei nº 3.353, Lei Áurea. Segundo Poppino (1968, p. 255):

[...] depois de 1860. À classe dos roceiros pertenciam quase exclusivamente os prêtos e os mulatos [...] A classe dos roceiros, que compreendia aproximadamente 60 por cento da população do município, em 1950, incluía todos os prêtos e mais de metade dos pardos de Feira de Santana.

Essas fatos só refletem a situação socioeconômica desprestigiada dos negros afrodescendentes do município feirense, pois tal classe dos roceiros vivia isolada, longe da área urbana, em moradias precárias.

Como o critério para adentrar a sociedade feirense era a propriedade e o dinheiro, os roceiros longe de possuir algum bem eram automaticamente excluídos dessa classe, pois eram considerados como pessoas de baixo nível e inferiores aos trabalhadores com menor remuneração da população urbana (POPPINO, 1968, p. 259).

Assim como nos dias atuais os negros eram minoria entre todas as classes profissionais de Feira no tempo colonial, pois suas famílias não lhes podiam proporcionar estudos, a eles eram reservadas atividades como serviços domésticos, nos lares das classes superiores e médias, sempre em posição subalterna, como no tempo da escravidão

Esse panorama apresentado sobre o negro e afrodescendente na sociedade feirense, durante e após a escravidão, revela o desprestígio de tudo o que foi cultivado por esse grupo. Podemos perceber que essencialmente a sociedade mantém uma relação de discriminação relacionada ao que provém da cultura afro, geralmente considerada como negativa, algo culturalmente implantado na consciência da sociedade. Segundo Oliveira (2000, p. 33):

[...] o processo de disputa com as memórias dos ex-escravos passa essencialmente pela construção de campos de significados nos quais a cultura e as maneiras de expressão negras seriam classificadas como não civilizadas e a sua herança seria tratada de uma maneira negativa.

A partir desta fala, inferimos que o desprestígio pelo negro, suas atividades, tradições e culturas em geral está enraizado, gerado desde a formação da nação brasileira e refletido na história do início da cidade feirense. Tal atmosfera de subalternidade e opressão pairam também sobre o aspecto religioso africano praticado no município.

Sendo as religiões africanas uma parte muito forte da cultura da África no Brasil, o que delas provém é notório no cotidiano brasileiro, a exemplo das palavras utilizadas nos cultos afros, sendo um grupo delas o conjunto léxico que constitui o *corpus* deste trabalho.

### 3 CAMINHOS QUE LEVAM ÀS RUAS OXUMARÉ E XANGÔ

Todo panorama traçado anteriormente evidencia o território de entroncamento que é Feira de Santana, onde

se cruzam diferentes línguas, povos e religiões, consequentemente, há o entroncamento de ideias, de símbolos e de significações. Na cidade, vivencia-se de tudo um pouco e dessa pluralidade nasce a originalidade desse grande interior do Nordeste, logo, a feira livre, o gado e o forte comércio são aspectos que definem o município de forma singular. Para Senna (2014, p. 20):

Compreender Feira de Santana é entender um pouco o nordeste e conhecer o nordeste sem conhecer Feira de Santana é não captar a sua inteireza, visto que essa cidade resume o resultado do encontro e do desencontro das aspirações e ilusões nordestinas. Isso acontece respaldado no fato de ser o maior entroncamento nacional sul/nordeste, além de se encontrar no centro da região responsável pelo deslocamento cultural que faz a Bahia se metamorfosear de um Estado do Leste para uma província do Nordeste.

Os encontros e desencontros proporcionados pela situação de entroncamento do município feirense também resultou em uma junção de religiões. Logo revisando o contexto social de Feira, envolvendo o movimento da feira, para onde vinham pessoas de diversos lugares, inclusive de outros países, unindo a isto os dados expostos pelo IBGE em 1958, sobre as religiões seguidas pelos habitantes feirenses, em que notamos uma quantidade de 5 israelitas (o que entendemos como a quantidade de seguidores das religiões de Israel), assim como a presença dos europeus, que trouxeram sua fé baseada no catolicismo, além da presença dos africanos escravizados, os quais eram adeptos do candomblé, inferimos que o município uniu uma grande diversidade de religiões, as quais interferiram nos costumes e tradições sociais, agregando valores ou segregando determinados seguimentos religiosos segundo seu grupo praticante.

Senna (2014) trata dessa situação de entroncamento refletida nas religiões afro-brasileiras, definida por ele como uma situação de bricolagem religiosa, dessa forma, o autor discorre sobre os “casamentos” que as religiões de origem africana fazem<sup>7</sup>, como os agentes do

sagrado do catolicismo popular e zeladores de santo do candomblé quando se unem ao padre do catolicismo oficial em seus projetos, mas, o último não o faz com a mesma reciprocidade. Ao tratar das ramificações das religiões afros em Feira de Santana, o autor buscou descrever sobre os segredos vistos e os segredos contados das religiões afro-brasileiras praticadas no município, como o povoá<sup>8</sup>, o candomblé católico<sup>9</sup> e os agentes sem feitura de cabeça<sup>10</sup>.

Antes de definir os segredos das referidas religiões afro-brasileiras, Senna (2014) pretendeu elucidar o que seria religiosidade popular explicando que o termo “popular” engloba o que provém das camadas sociais que se encontram à margem da elite, ou seja, o que emana do povo, o qual geralmente sofre várias formas de repressão. Dessa forma, as religiões afro se incluem nesse grupo, pois abrange várias manifestações populares da sociedade, sofrendo, em suas práticas e elementos religiosos, discriminações provenientes dos dogmas das religiões elitizadas, geralmente eclesiásticas, as quais se denominam puras e autênticas.

É importante destacar que o termo afro-brasileiro já nos sugere a heterogeneidade, característica de muito do que se constituiu pelo povo brasileiro. Porém, quando utilizado para referir-se às religiões, esse termo merece mais atenção, pois:

[...] baseia-se no fato de que as religiões e seus respectivos cultos (posturas comportamentais inerentes a seus aspectos, tanto devocionais como rituais) nascidos no Brasil, pelo fato de possuírem diferentes raízes – míticas ou reais, tudo indica que possua procedência o ato de indicar uma *origem* para melhor identificar o segmento da religiosidade popular ao qual se queira referir (SENN, 2014, p.50).

Ao leque de religiões afro-brasileiras praticadas pelos feirenses, baseado em Senna (2014), podemos denominar religiosidade popular, pois foi feito pelo povo e atendendo às necessidades de manifestação das crenças do povo negro mesclado nesse município múltiplo que é Feira de Santana.

É justamente da multiplicidade feirense que vem o maior empecilho para a crença afro-brasileira e seus elementos, pois assim como toda tradição e costumes europeus sempre exerceram um papel dominador sobre os povos dominados e colonizados, o mesmo acontece na religião, pois a crença fundamentada nos ensinamentos cristãos, puros e autênticos, já referidos, buscam sobressair sobre as denominadas encantarias de origem africana em Feira. Dessa forma, cria-se uma atmosfera de opressão e discriminação sobre as práticas e elementos religiosos originados do “universo” afro, como os provenientes do candomblé católico ou candomblé de caboclo.

Ao observarmos as religiões cristãs, notamos que geralmente há nelas apenas a crença monoteísta, sem muita mistura, por exemplo, no evangelho, classificado como protestante, há a crença em Jesus Cristo como salvador do homem, esse é o filho de Deus e é o próprio Deus, dessa forma, os adeptos do evangelho devem prestar culto apenas a ele, algo semelhante acontece na religião yorubá e nas afrodescendentes, em que o ser supremo é Olódùmarè<sup>11</sup>, o qual “[...] está acima de todos os seres espirituais, das entidades divinas, dos ancestrais e de tudo que vive.” (SILVA, 2015, p.34). Especificamente, no candomblé, católico ou de caboclo, constatamos a presença de orixás e de caboclos, os quais são considerados “[...] entidades com poderes sobrenaturais que representam pontos de força da natureza, não podem ser deuses e sim fragmentos de um grande deus, respeitosamente conhecido por *Elédumaré*.” (SILVA, 2015, p.34), com indistinção entre o bem e o mal, ou seja, acreditam apenas na divindade, sendo assim, é uma prática que difere da cristã, a qual baseia sua fé na segregação do que é classificado como diabólico. Dessa forma, estigmatizam o candomblé e “[...] satanizam em bloco os desdobramentos da herança simbólica africana” (SENN, 2014, p. 119).

Ainda que uma das maiores características do povo brasileiro seja a miscigenação entre os diversos povos, geralmente há uma resistência em aceitar a mistura com elementos africanos, os quais sofrem discriminações no âmbito estético, artístico (principalmente na dança e na música), religioso, linguístico e nas diversas formas

de manifestação cultural do negro. Tal resistência gera uma intolerância, que, geralmente, é fruto da ignorância quanto à cultura negra, historicamente discriminada e retaliada no Brasil desde os tempos da colonização. Sendo assim, alguns segmentos cristãos baseados na sua crença, que fazem distinção entre o bem e o mal, entre deus e diabo, tratam de descrever a religião do outro de forma que figura o preconceito e segrega seus adeptos e elementos, o que reflete na língua.

Os evangélicos protestantes acreditam absolutamente na existência dos demônios e na sua ação maligna na vida do homem, dessa forma, rejeitam tanto os preceitos das religiões de origem africana quanto o espiritismo ou Kardecismo e o catolicismo, pois reduzem seus deuses a demônios.

Em seu livro “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?”, escrito em 2006, Edir Macedo pretende denunciar “[...] as manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do candomblé e outras seitas similares [...]” (MACEDO, 2006, p.8), além de buscar elucidar “[...] as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus e erês [...]” (MACEDO, 2006, p.8), porém, não considera a vertente cultural fundante de tais religiões, consideradas seitas, e assim faz um discurso baseado apenas na sua crença.

Segundo Macedo (2006, p.20) “Os deuses famosos da Antigüidade, tanto no Egito, quanto na Mesopotâmia, bem como os da mitologia africana, são na realidade demônios que nunca deixaram em paz o homem, seu alvo principal.”, inclusive, o autor acredita que “[...] os demônios vêm enganando as pessoas com doutrinas diabólicas. Chamam-se orixás, caboclos, pretos-velhos, guias, espíritos familiares, espíritos de luz, etc.” (MACEDO, 2006, p.25).

Pelo exposto, constatamos que não há uma “caça” apenas aos elementos provenientes da crença africana por parte dos seguidores do evangelho, mas de todos os elementos das outras religiões posicionadas à margem do cristianismo por eles professados, ou seja, rejeitam tudo que diverge da sua crença, baseada na “Bíblia sagrada”. Porém, tais atitudes quando saem do plano espiritual para o material ou social não deixam de esti-

mular a intolerância e a discriminação da sociedade, geralmente alienada, sobre a crença e cultura africanas.

Especificamente em Feira de Santana, nos tempos do governo do Intendente Zé Freire, os praticantes do candomblé eram presos, pois, suas práticas eram consideradas selvagens e bárbaras, atitude que revela a ignorância ao tema e a intenção de repressão aos componentes oriundos da religiosidade africana e à descendência afro. Nesse tempo as práticas do candomblé eram mais corriqueiras em bairros periféricos da cidade, como Calumbi, Tomba e Limoeiro, o que configura uma repressão não só de cunho religioso, mas uma luta entre o atraso e o progresso (OLIVEIRA, 2001, p. 36-39).

Porém o negro tem como característica sua força e resistência, sendo assim:

Inverter, subverter ou, simplesmente, modificar os valores impostos pelos segmentos dominantes sempre foi um ato de resistência dos grupos dominados. E não existe uma faixa social mais visivelmente dominada que a dos escravos, logo, quase que fatalmente, teria que transformar, fortemente, o mundo simbólico do dominador, para dar sentido a sua vida traumática, quebrando as crises ideológicas, psicológicas e existenciais, a partir de crenças e rituais, reelaborados em surpreendentes sentidos e desconcertantes direções (SENNA, 2014, p.68).

A partir desse fragmento comprovamos como o sincretismo foi uma importante forma de resistência negra, pois ajudou na manutenção da crença nos segmentos religiosos africanos, assim como na conservação de elementos linguísticos afro, como o léxico constituinte do *corpus* por nós estudado.

Atualmente o cenário de intolerância ao negro e toda sua herança tem sido desmontado a passos lentos, mas efetivos, principalmente, amparado por leis, como a lei nº 12.288/2010, isto é, o Estatuto da Igualdade Racial, sancionada em 20 de julho de 2010 pelo ex-Presidente



**Figura 1: fachada da casa onde vivia o senhor Nelson, situada na Rua Bartolomeu de Gusmão no Bairro Jardim Sucupira**



Fotografia: Natália Oliveira Nascimento

Em contrapartida, há outra história que circunda o supracitado bairro, narrada por moradores mais antigos, segundo a qual as terras da atual localidade pertenciam a um senhor chamado Caribé, tempos depois a localidade foi comprada por uma imobiliária, chamada Quadra Imobiliária, a qual loteou o espaço. Na ocasião, comemorava-se a cultura afro-brasileira na Bahia, fato que motivou o dono da imobiliária a homenagear essa cultura batizando as ruas com topônimos de origem africana. Sendo assim, uma quantidade considerável de logradouros foi denominada pelo léxico utilizado nas religiões afro-brasileiras, especificamente, no candomblé. Ainda segundo os moradores, no bairro existia muitos terreiros de candomblé, alguns inclusive considerados de referência, pois pertenciam a políticos da cidade feirense, como um terreiro que havia na antiga Rua Xangô, atual Rua São Lucas.<sup>13</sup>

Após alguns anos, os topônimos de origem africana no Jardim Sucupira estão passando por um processo de substituição, fato que atraiu nossa curiosidade em pesquisar. Logo, sabemos que “[...] o espaço envolve completamente o observador, integrando-o no quadro da experiência – tempo e espaço fundem-se num mesmo modelo” (SODRÉ, 2002, p. 24), sendo assim, através da pesquisa elaborada na localidade, observamos que a população do referido bairro atualmente está constituída por muitos adeptos do evangelho pentecostal, assim como adeptos do catolicismo oficial. Fato que seguramente influencia nas vivências daquele povo, resultando em mudanças, pois ao invés dos terreiros de candomblé de outrora, notamos a presença de muitas igrejas evangélicas pelo bairro, as quais representam a

implantação de uma crença que segrega elementos de qualquer outro segmento religioso.

Neste sentido, os diferentes segmentos religiosos criam formas de consagrar o território. Por exemplo, quando os adeptos do candomblé levantam um terreiro em determinado logradouro, certamente este lugar será sagrado para os seguidores dessa religião. Dessa forma, o batismo das ruas com nomes de entidades do candomblé, como Xangô e Oxumaré, são possíveis formas de consagração territorial. Por outro lado, quando um cristão evangélico que constrói uma igreja no mesmo território onde antes havia terreiros, configura-se como uma troca de demarcação do território, sendo assim, a substituição toponímica, por nomes como Rosa de Sarom e São Lucas, conota outra forma de demarcação e consagração local. Porém, este jogo, em que cada segmento religioso pretende transformar o local em sagrado segundo suas crenças, revela uma atitude arbitrária, pois, por exemplo, o conjunto lexical toponímico das ruas do referido bairro passa por um processo de substituição por meio de leis, o que figura como uma imposição linguística e social.

Para a concretizar esse trabalho foi necessário a realização de algumas pesquisas de campo no supracitado bairro, em que alguns informantes nos revelaram que listas de assinaturas foram elaboradas e assinadas pela maioria dos moradores de algumas ruas, como a antiga Rua Oxumaré e Rua Xangô, pedindo a substituição dos referidos nomes. Sendo assim, notamos que a troca foi linguisticamente imposta, porém, realizada de forma democrática, pois foi escolhida pela maioria dos residentes locais, fato que nos conduziu a refletir para além da motivação do signo toponímico e da arbitrariedade do signo linguístico, os quais são fortemente influenciados por motivações produzidas no âmbito social e místico. Sendo assim, o relato de um dos moradores do bairro, precursor da mudança do topônimo Rua Oxumaré para Rua Rosa de Sarom, nos conta que a substituição não está fundamentada na intolerância quanto às religiões de matrizes africanas, mas fundamenta-se na pretensão de homenagear a própria religião cristã. Na oportunidade consultamos uma justificativa de um dos projetos de lei muni-

cipal, o qual pede a mudança do topônimo de origem africana por um de origem bíblica, alegando sua fé religiosa. Dessa forma, entendemos que tanto o relato do morador quanto a justificativa corroboram com a hipótese de que a substituição toponímica também sofreu influências da imposição da fé religiosa, mas para além desse fator cultural imposto nesse conjunto lexical está a origem dos nomes, isto é, deve-se observar o viés etimológico dos topônimos, que devem ser aceitos sem cargas de preconceito, de intolerância e de discriminação, pois fazem parte da herança histórica de um povo que foi forçadamente trazido para o Brasil, tendo suas tradições e memórias mutiladas, mas, ainda assim, não deixa de ser um agente formador da cultura desta nação tão rica de diversidade que é o Brasil.

Sendo assim, o estudo e apreciação da cultura africana e dos seus elementos, como o léxico empregado na nomeação dos logradouros do Jardim Sucupira, devem encaminhar os usuários da língua para a formação de uma consciência capaz de combater toda forma de repressão que circunda a língua.

#### 4.1 Fichas lexicográficas

As fichas lexicográfico-toponímicas, com base na metodologia proposta por Dick (1990), são adotadas para organizar e estruturar os dados relacionados aos topônimos estudados e assim garantir uma melhor visualização destes, colaborando para a análise realizada. Sendo assim, apresentamos a seguir os dois topônimos estudados neste trabalho:

Ficha 1: Rua Xangô > Rua São Lucas

ENTRADA LEXICAL: Rua Xangô	TAXIONOMIA: mitotopônimo
ETIMOLOGIA: origem kwa, do iorubá Šàngó, orixá dos raios e do trovão, rei-herói do povo iorubá (CASTRO, 2005).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: elemento específico simples xangô (morfema lexical de origem Kwa/iorubá)	
TOPÔNIMO: Rua São Lucas	TAXIONOMIA: hagiopotônimo
ETIMOLOGIA: São > santo – “[...] ‘sagrado’ ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’ ‘segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um dos seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina’ XIII. Do lat. <i>sanctus</i> –a –um    santEIRO XVII    santIDADE XIII.” (CUNHA, 1986, p.704) Lucas ‘nome de homem, por vezes usado como nome de família. Do grego [...]’ (BARATA; BUENO, 2000, p. 1370).	
IMAGENS	
	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	
Situada entre a Rua Oxóssi Guerreiro e a Rua da Palma, a Rua São Lucas, no bairro Jardim Sucupira, é um longo logradouro, com igrejas, como a IASD Fraternidade e outras, assim como é endereço de várias empresas, como mercadinhos, comércio de bebidas, comércio de tapetes, material de construção, entre outros.	
CONTEXTO	
“Um homem ainda sem identificação morreu após confronto com policiais da 65ª Companhia Independente da Polícia Militar (CIPM) na madrugada desta terça-feira (14), na Rua São Lucas, no bairro Jardim Sucupira, em Feira de Santana” Disponível em: < <a href="https://www.acordacidade.com.br/noticias/172887/suspeito-armado-morre-em-confronto-com-a-pm-em-feira-de-santana.html">https://www.acordacidade.com.br/noticias/172887/suspeito-armado-morre-em-confronto-com-a-pm-em-feira-de-santana.html</a> >. Acesso em: 10 jun. 2018.	
FONTE	
RUA SÃO LUCAS. Disponível em: < <a href="https://www.acordacidade.com.br/noticias/172887/suspeito-armado-morre-em-confronto-com-a-pm-em-feira-de-santana.html">https://www.acordacidade.com.br/noticias/172887/suspeito-armado-morre-em-confronto-com-a-pm-em-feira-de-santana.html</a> >. Acesso em: 10 jun. 2018.	
COMÉRCIO NA RUA XANGO. Disponível em: < <a href="http://www.mapaempresas.com/endereco/cep/Rua-Xango/44020365">http://www.mapaempresas.com/endereco/cep/Rua-Xango/44020365</a> >. Acesso em: 10 jun. 2018.	

## Ficha 2: Rua Oxumaré &gt; Rua Rosa de Sarom

ENTRADA LEXICAL: Rua Oxumaré	TAXIONOMIA: mitotopônimo
ETIMOLOGIA: origem kwa, do iorubá, <i>Òṣùmàrè</i> , ‘arco-íris’. O orixá da riqueza. (HOUAISS, 2007) / (CASTRO, 2005)	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: elemento específico simples Oxumaré (morfema lexical de origem kwa/iorubá)	
TOPÔNIMO: Rua Rosa de Sarom	TAXIONOMIA: hierotopônimo
ETIMOLOGIA: Rosa “a flor da roseira’ XVII. Do lat. <i>rosa -ae</i>    rosaça <i>sf.</i> ‘rosácea’ 1899    rosácea 1858. Do adj. f. lat. <i>rosácea</i>    rosado adj. ‘relativo à (cor) rosa’ ‘líquido perfumado com rosas e outras flores (na expressão água rosada)’ XIII.” Sarom “significa literalmente “um campo”, “uma planície”, e como <u>nome</u> próprio indica a planície marítima entre o <u>Jope</u> (hoje <u>Yafó</u> ) e o monte <u>Carmelo</u> . A <u>LXX</u> traduz “ <u>Sarón</u> ” como um <u>término</u> genérico de um campo aberto.” “[...] deram-se a Cristo ambos os títulos: ‘Rosa do <u>Sarón</u> ’ e ‘Lírio dos vales’” (CUNHA, 1986, p. 690) (DORNELES, 2012, p. 1261)	
IMAGENS	
	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	
O topônimo Oxumaré foi modificado por meio de lei, através da iniciativa de um morador do referido logradouro, que realizou um abaixo-assinado entre a vizinhança local, contando com aproximadamente 70 assinaturas de moradores que concordaram com a mudança do nome da rua. Tal morador pode ser considerado o precursor das mudanças toponímicas de todo sub-bairro Jardim Sucupira.	
CONTEXTO	
“O logradouro <b>Rua Rosa de Sarom</b> fica no bairro <b>Baraúna</b> na cidade de Feira de Santana em Bahia.” Disponível em: < <a href="https://applocal.com.br/endereco/rua-rosa-de-sarom/feira-de-santana/ba">https://applocal.com.br/endereco/rua-rosa-de-sarom/feira-de-santana/ba</a> >. Acesso em: 10 jun. 2018.	
FONTE	
APP LOCAL ENDEREÇOS. Disponível em: < <a href="https://applocal.com.br/endereco/rua-rosa-de-sarom/feira-de-santana/ba">https://applocal.com.br/endereco/rua-rosa-de-sarom/feira-de-santana/ba</a> >. Acesso em: 10 jun. 2018.	

Os dados encontrados na etimologia de cada topônimo comprovam que o léxico toponímico africano apresentado em cada ficha lexicográfico-toponímica, é majoritariamente oriundo da língua *iorubá*:

[...] constituída de vários falares regionais [...] concentrados nos territórios limítrofes entre a Nigéria ocidental [...] e o Reino Queto, no Benim oriental. Chamados de *ànagó* pelos seus vizinhos, termo por que ficaram genericamente conhecidos no Brasil sob a forma *nagô* (CASTRO, 2005, p.41).

A língua *iorubá* tem sua origem na família *kwa*, assim como a língua *fon*. Entre as línguas da África que mais

influenciaram o português brasileiro estão as do grupo *Kwa* e do grupo *Banto* (CASTRO, 2005).

Quanto aos topônimos de origem iorubá em Feira de Santana, frisamos que estes são produtos dos poucos negros africanos que aqui viveram<sup>14</sup> deixando seu rastro na língua, especialmente pela religião africana ou afro-brasileira difundida entre os afrodescendentes que viveram e vivem nessa cidade. Desse modo, o léxico toponímico presente no Jardim Sucupira é uma herança cultural africana relacionada à religião do candomblé, fato que merece nossa maior atenção nesta análise.

Segundo a classificação taxionômica apresentada por Dick (1990), os topônimos de origem africanas em

destaque são mitotopônimos, isto é, conjunto lexical estudado se refere a nomes de entidades mitológicas africanas, os quais foram substituídos por um hierotopônimo (Rua Rosa de Sarom) e um hagiotopônimo (Rua São Lucas). Dessa forma, constatamos que houve uma motivação religiosa para a substituição destes, o que corrobora para a resposta do que pensamos como hipótese, pois acreditamos que a troca foi motivada pela intolerância religiosa, em que um nome motivado pela crença sucumbe o outro antes utilizado como topônimo por semelhante motivação, como podemos constatar nos topônimos “Rua Rosa de Sarom”, associado à fé cristã protestante, e “Rua São Lucas”, que faz menção ao santo católico, ambos substituem, respectivamente, os topônimos “Rua Oxumaré” e “Rua Xangô”, entidades do candomblé. Logo, tais substituições são imotivadas no que diz respeito à relação entre o signo toponímico e logradouro nomeado.

Confirmamos que está intrínseco nessas substituições toponímicas a intenção da consagração do logradouro, como abordado anteriormente, baseado em Senna (2014). Especificamente, no referido bairro, entendemos que a religião cristã evangélica tem predominância neste aspecto, pois das ruas que tiveram seus nomes analisados, até este momento da pesquisa, constatamos a presença de templos evangélicos na maioria dos logradouros do referido bairro, significando uma forte influência da religião cristã evangélica.

Neste sentido, ao ser indagado sobre o motivo que levou à substituição do topônimo, um dos moradores/informantes nos disse que não há intolerância quanto às religiões de matrizes africanas, mas teve a intenção de homenagear a própria religião cristã, definindo-se como evangélico. Na oportunidade, nos apresentou uma justificativa do projeto de lei, na qual apresentamos um conteúdo que corrobora com a hipótese de que a substituição toponímica também sofreu influências da imposição da fé religiosa, assim unindo essa percepção ao fato de que apenas o conjunto das ruas do referido bairro portando nomes relacionados com as religiões de matrizes africanas sofreram mudanças toponímicas oficiais, entendemos que esse fator cultural merece maior atenção na análise dos dados.

Reconhecemos que a cultura africana como um todo no Brasil sofreu e sofre repressões de formas variadas, pois intencionalmente, desde a colonização desse país, foi criada uma imagem negativa sobre o negro e tudo que dele provém. É válido salientar que desde os livros didáticos de história não vemos relatos de aspectos positivos trazidos pelo negro ao Brasil, ao contrário, o que conhecemos são apenas as histórias das senzalas mal cheirosas e sombrias, dos abusos sexuais sofridos pelas negras, da marginalização da capoeira, associada por muito tempo a uma luta, caracterizada como uma prática violenta, entre tantas outras histórias que desprestigiam e negam a cultura africana no Brasil. Sendo assim, por meio da discriminação, há uma tentativa de apagar todo elemento que pertence aos costumes, crenças e tradições afro. Os resquícios dessa opressão também são refletidos no vocabulário de origem africana, especificamente, no viés religioso é inegável que geralmente a intolerância “[...] acentua-se quando as circunstâncias forçam a aceitação de diálogos entre instalações dogmáticas, entre corporações místicas e entre ressignificações rituais.” (SENNA, 2014, p. 118), fatores que encaminham para o esquecimento da crença africana trazida ao Brasil em sua plenitude.

Não podemos esquecer que “[...] as construções tipológicas da religiosidade popular, no Brasil, incluem, entre outras *encantarias*, o catolicismo ou cristianismo popular e os *cultos* afro-brasileiros, em toda sua diversidade e lequeamento socioculturalmente desdobrado.” (SENNA, 2014, p. 118). Neste sentido, através da pesquisa realizada entre os moradores/informantes do local notamos que um grande número destes são adeptos à religião evangélica, porém um fato curioso é o uso quase categórico do novo léxico toponímico de origem afro já substituído das ruas do Jardim Sucupira pelos moradores/informantes, tanto da religião evangélica, quanto da católica e pelos demais moradores. O que nos leva a compreender que os nomes das ruas, modificados oficialmente há aproximadamente 20 anos, ainda hoje estão em situação paralela com os atuais topônimos impostos por forma de lei. Fato que comprovamos ao analisar as respostas das perguntas feitas aos informantes, que sempre dizem o denominador atual da rua relacionando-o ao antigo, fazendo-nos entender que

não há uma sistematização linguística concluída entre as variantes lexicais toponímicas pesquisadas.

Dessa forma, inferimos que a imposição dos vários topônimos das ruas do Jardim Sucupira está para além da questão religiosa, mas sim de uma consciência cultural como um todo, a qual geralmente tenta neutralizar todo e qualquer elemento da cultura afro na sociedade.

Na Bahia, a influência dos povos e das línguas africanas no português brasileiro é refletida em potencial, principalmente, na variedade popular e nas religiões afro-brasileiras, antes consideradas apenas de negros e desprestigiadas, como o candomblé e a umbanda. Sobre a toponímia baiana com influência africana, Dick (1982, p. 83) infere que “[...] efetivamente, a Bahía registra um número considerável de topônimos africanos, em contraste a outras áreas, assim como o Nordeste, de um modo geral.”, característica que pode ser explicada pela expressiva concentração de africanos na área urbana da cidade de Salvador “[...] nas primeiras décadas do século XIX [...]” (CASTRO, 2001, p. 41), onde “[...] foram concentrados em trabalhos domésticos e serviços urbanos [...]” (CASTRO, 2001, p. 41), daí a influência das línguas africanas no estado baiano, principalmente no léxico toponímico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho notamos, através da nossa busca pelas motivações que causaram as substituições toponímicas, que a crença religiosa influenciou sobremaneira nas referidas trocas, pois o léxico toponímico estudado faz parte do vocabulário iorubá utilizado no candomblé, religião que culturalmente sofre preconceito no Brasil, sendo demonizada pelos dogmas cristãos. Fator gerador de uma intolerância que está para além da religiosidade, sucumbindo formas linguísticas africanas, como as constantes nos topônimos por nós estudados. Isso nos faz entender que a proibição do candomblé, desde o período colonial e no início da cidade feirense, disfarçadamente e conscientemente

subsiste em atos que podemos considerar repressores, como essas trocas toponomásticas.

Notamos uma consciência cultural direcionada à opressão dos elementos afrodescendentes, inclusive linguísticos, justificada nos relatos de moradores/informantes do referido bairro, os quais caracterizam os nomes de origem africana dos denominadores das ruas como “pesados”. Sendo assim, acreditamos que a característica tonal das línguas africanas também motiva a troca do conjunto léxico toponímico dos logradouros do Jardim Sucupira, pois a população de Feira em sua maioria desconhece a estrutura das línguas afros que muito difere da estrutura linguística portuguesa.

## NOTAS

- 1 Enciclopédia dos municípios baianos (1958)
- 2 Enciclopédia dos municípios baianos (1958)
- 3 Enciclopédia dos municípios baianos (1958)
- 4 Anuário estatístico de Feira de Santana (2012)
- 5 Anuário estatístico de Feira de Santana (2012).
- 6 Dados disponíveis em: <g1.globo.com>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- 7 Prática que alude ao sincretismo religioso feito no tempo da escravidão pelos africanos, pois, “[...] os negros eram obrigados a frequentar os templos católicos e na medida em que assistiam às missas faziam associações entre os santos e as divindades de origem africana.” (SILVA, 2015, p.22).
- 8 Segundo Senna (2014), o povoá é um segmento religioso em que se acredita na existência dos Orixás como índios africanos, seus adeptos não batem tambor, não há filhos de santo nos moldes do candomblé, tampouco feita de cabeça. Por fim, não possuem sacramentos próprios.
- 9 “São candomblés de caboclo *puros*, em que o caboclo incorporado executa os trabalhos rituais – de festa e de cura – respaldado por obrigações e costumes contraídos com os santos católicos.” (SENNA, 2014, p.121).
- 10 Segundo Senna (2014), os líderes e seguidores desse segmento religioso se dizem seguidores do ritual Ketu, mas não pertencem à nação Ketu. Quando manifestado um orixá, este sempre vem cabocloizado, como o Ogum de Ronda e o Oxóssi das Mattas. O bem e o mal são mais dicotomizados do que nos centros de candomblés.
- 11 Disponível em: <candombles.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 mar. 2018.
- 12 O texto elaborado baseia-se em relatos de moradores/informantes do Bairro Jardim Sucupira, os quais autorizaram a utilização das suas informações por meio de documentos.
- 13 O texto elaborado baseia-se em relatos de moradores/informantes do Bairro Jardim Sucupira, os quais autorizaram a utilização das suas informações por meio de documentos.
- 14 Conforme evidenciado anteriormente.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2005.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FALCÃO, Márlío Fábio Pelosi. **Pequeno dicionário toponímico da Bahia**. Fortaleza: [s.n.], 2001.

MACEDO, Bispo. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Unipro, 2006.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

SENNA, Ronaldo de Salles. **Feira dos encantados: uma panorâmica da presença afrobrasileira em Feira de Santana: construções simbólicas e ressignificações**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

## OS AUTORES

**Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz** Orientadora de Natália Oliveira Nascimento ; Pós-doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora Plena, em regime de Dedicação Exclusiva, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS); Coordena o Núcleo de Estudos do Manuscrito (NEMA/UEFS).  
E-mail: rcrqueiroz@uol.com.br.

**Natália Oliveira Nascimento** Licenciada em Letras com Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialista em Metodologia do ensino da língua espanhola pela UNINTER. Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana.  
E-mail: nata.nascimento@ymail.com